

1. Introdução

Esta dissertação de mestrado procura avaliar o projeto de Gustavo Barroso tendo em vista a construção de uma memória nacional e que está expresso, sobretudo, na criação do Museu Histórico Nacional em 1922, no Projeto de um Museu Ergológico, na implementação do Curso de Museus em 1932 e na sua ação na Inspetoria de Monumentos Nacionais em 1934, entre outras realizações.

Investigando as noções de tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso o trabalho procura compreender a possível articulação e interação entre estas várias iniciativas e ações destacando a relevância das mesmas para materializar um projeto de busca de identidade para a nação brasileira.

Para tal consideramos relevante acentuar a perspectiva da especificidade do pensamento museológico barrosiano, uma vez que a musealização representou estratégia recorrente na defesa da tradição e na materialização de seu projeto de construção da memória nacional.

Entendido como processo, o pensamento museológico barrosiano foi se desenvolvendo em estreita relação com a prática das atividades no Museu Histórico Nacional, institucionalizando-se no Curso de Museus, encontrando na Inspetoria de Monumentos Nacionais sua possibilidade de aplicação.

Este trabalho elegeu dois eixos de reflexão paralelos ao investigar, por um lado, a relação entre as noções de tradição, museu e patrimônio e, por outro, as realizações a partir das quais estas mesmas noções se traduzem em intervenções no campo da cultura. Neste sentido, com uma estrutura pendular, a análise busca deixar claro o sentido destas propostas e realizações como mediações para a construção da memória nacional, refletindo a concepção de nação idealizada por Barroso, ao mesmo tempo em que permite ainda avaliar como estas propostas e realizações encontram-se relacionadas a partir da lógica própria do pensamento museológico barrosiano, constituindo-se como um todo coerente e articulado para a construção de um conhecimento na área de museus.

Apesar da dificuldade de explicitar um recorte cronológico, é possível considerar que essa pesquisa privilegia o período entre os anos de 1912 e 1959. No ano de 1912 Gustavo Barroso publica seu primeiro livro, *Terra de Sol* e é

também nesse mesmo ano que publica na imprensa carioca uma série de artigos sobre a necessidade de implementar entre o povo brasileiro o que o autor chama de “Culto da Saudade”. A vida na cidade do Rio de Janeiro para onde havia se transferido dois anos antes, vindo de Fortaleza, acentua no autor a necessidade de uma defesa da tradição que, em sua perspectiva, estava se perdendo na grande metrópole. Esta defesa toma contornos de um combate na trajetória deste intelectual, e Gustavo Barroso empenhou-se neste combate até 1959, ano de seu falecimento, ao travar diversas batalhas para assegurar que a tradição se mantivesse viva e, tal como uma tocha, permanecesse acesa iluminando os caminhos já percorridos e aqueles ainda a serem trilhados.

A hipótese central do trabalho supõe considerarmos a Museologia como uma trincheira intelectual expressiva na trajetória de Gustavo Barroso, de forma a considerar os projetos nesta área como um todo coerente, expressivo de seus projetos intelectuais e políticos, o que supõe estabelecer entre eles diferenças mas também continuidades que permitam percebermos como se articularam no projeto de construção de uma memória nacional e de um conhecimento sistemático.

Outra hipótese que norteia a reflexão neste trabalho é a de que o “Culto da Saudade” tal como expresso por Gustavo Barroso pode ser entendido não apenas como um saudosismo, mas também como expressão de uma sensibilidade antiquária. Neste sentido o “Culto da Saudade” pode ser considerado como a gênese de um conhecimento posteriormente sistematizado por Barroso a partir do qual o passado é entendido como algo possível de ser evocado, sentido e revivido através de objetos musealizados e de outros suportes físicos da memória. Mais do que uma operação historiográfica, o “Culto da Saudade” significaria uma forma de relacionamento com o passado dotada de uma especificidade que é expressiva de sua concepção de tempo e de história.

O trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro buscamos oferecer ao leitor um retrato de Gustavo Barroso a partir da análise de sua escrita memorialística. Através dos três volumes de memórias escritos por Barroso, *Coração de Menino*, *Liceu do Ceará* e *O Consulado da China*, publicados respectivamente em 1939, 1940 e 1941, buscamos compreender como Barroso construiu sua memória e qual a relação desta memória individual com uma memória social, bem como sua possível implicação para o projeto de construção de uma memória nacional. Percorreremos os caminhos do labirinto de sua memória

identificando como Gustavo Barroso prefigurou em suas memórias infantis aspectos de sua vida adulta, destacando o aspecto seletivo da memória e a especificidade da escrita memorialística. Identificamos as diversas trincheiras intelectuais nas quais Gustavo Barroso atuou e selecionamos a Museologia como aquela que pode ser expressiva para a análise de aspectos de seu pensamento que sublinham a importância e a centralidade da noção de tradição.

No segundo capítulo procuramos compreender a criação do Museu Histórico Nacional em 1922 e o Projeto para a criação do Museu Ergológico Brasileiro, formulado por Barroso em 1942 de forma a relacionar as duas iniciativas e tentar demonstrar a complementaridade dos dois projetos e a hierarquia que expressam no tratamento de seus objetos específicos. Ao expressar aspectos do ideal de nação de Gustavo Barroso estes projetos permitiram ainda uma reflexão sobre como o pensamento museológico de Barroso aplicou-se a cada um deles. Para tanto, desenvolvemos o argumento sobre o “Culto da Saudade” como sensibilidade antiquária e buscamos compreender como esta sensibilidade estava presente na forma como o passado era recriado nas salas de exposição do Museu Histórico Nacional e como esse mesmo passado se tornaria tangível naquilo que o Museu Ergológico pretendia expor.

Por fim, no terceiro e último capítulo, analisamos como o Curso de Museu representou a institucionalização de uma agência de construção e transmissão do conhecimento na área de museus em continuidade e interação com a prática do Museu Histórico Nacional que ganhava assim *status* de matriz intelectual de um conhecimento que o curso pretendia divulgar e implantar nos museus do país, ao formar seus quadros. Através da verificação das alterações na estrutura curricular do Curso de Museus, ressaltamos a importância da cadeira Técnica de Museus e sua relevância para a compreensão da especificidade do conhecimento museológico tal como formulado por Barroso. Ainda neste capítulo analisamos a criação e a atuação da Inspetoria de Monumentos Nacionais como uma prática preservacionista orientada para a musealização. Neste sentido, avaliamos a atuação da Inspetoria na cidade mineira de Ouro Preto buscando alguns elementos de comparação com a atuação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e destacando a descontinuidade e as diferenças que informaram a atuação dos dois serviços de proteção ao patrimônio. Ao considerar a cidade de Ouro Preto como palco de disputa pela hegemonia tanto de um

discurso quanto de uma prática para a preservação do patrimônio, buscamos ressaltar que a memória social deve ser entendida como um campo de disputas.

Este trabalho privilegiou um *corpus* documental que à primeira vista pode parecer restrito, mas que ofereceu subsídios para a análise do pensamento museológico de Gustavo Barroso. Nossa pesquisa privilegiou os artigos publicados nos *Anais do Museu Histórico Nacional* bem como documentos tais como cartas, relatórios, regulamentos e decretos reproduzidos nos *Anais* da instituição. A escolha justifica-se pelo fato dos *Anais* representarem um espaço de construção e legitimação do conhecimento que buscamos compreender. Afora a documentação contida nos *Anais* também consideramos documentos privilegiados os três volumes de memórias de Gustavo Barroso, bem como outros livros seus tais como *Terra de Sol*, seu primeiro livro, e *Introdução à Técnica de Museus*, leitura considerada obrigatória pelo menos até a década de setenta para os profissionais da área de museus.